



Bertolt Brecht: A vida de Galileu e a veracidade do teatro épico

Jeyssi Luiza Nascimento Santos¹

Silvano Ádison da Silva²

Resumo: Este artigo pretende adentrar em alguns detalhes da peça *A vida de Galileu*, do alemão Bertolt Brecht, analisando o posicionamento de algumas personagens, seu modo de pensar e suas relações com os fatos. O teatro épico de Brecht tem relevância na construção de um juízo de valor, ao refletir sobre as questões sociais e o distanciamento entre personagem e espectador.

Palavras-chave: Peça didática, dicotomia, teatro épico.

Introdução

A construção da dialética do texto de Brecht gira em torno do questionamento acerca da veracidade da teoria heliocêntrica sobre o sistema copernicano do universo, em detrimento da teoria geocêntrica do sistema ptolomaico. O objetivo do artigo é revelar quem são os personagens que polemizaram tal questão num contexto social

¹ Graduanda em Licenciatura em Dança na UFAL/Universidade Federal de Alagoas.

² Graduando em Licenciatura em Teatro na UFAL/Universidade Federal de Alagoas.

totalmente hierarquizado e regido pela fé em Deus e pelo controle e influência da Igreja católica.

Analisaremos como isso subsiste e se propagou no texto do Brecht, que dialoga brilhantemente com o telespectador em seu texto didático.

Andrea – A Lua é uma Terra e não tem luz própria. Assim também Vênus, que não tem luz própria e é como a Terra e gira em torno do Sol. E há quatro Luas girando em torno da estrela Júpiter, que está na altura das estrelas fixas e não está fixada em esfera alguma. E o sol é o centro do mundo, imóvel em seu lugar e a Terra não é o centro e nem é imóvel. Foi ele quem nos ensinou (Brecht, 1977, p. 105).

No decorrer da história se mostram fatos que supostamente aconteceram, não com a veracidade escrita por Brecht. Todo o problema de Galileu deu-se com a Igreja e a Inquisição. A história é repleta de referências às dificuldades reais daquele século, quando cientistas eram condenados a queimar em praça pública caso contrariassem a crença divina. Existe uma cena em que todos correm da peste negra para salvar suas vidas, desocupando as casas com risco de contaminação.

Sabemos que a Europa sofreu com epidemias, perdendo metade da população para a doença mortífera e contagiosa. Brecht cria uma atmosfera realista, cômica e repleta de diálogos que se desdobram em discussões científicas.

O domínio da Igreja católica sobre determinadas áreas de conhecimento era recorrente. Aceitar uma ideia que poderia mudar a “verdade” do que é pregado e permanece como crença pode se tornar um grande problema, no sentido em que a ciência nos propõe verdades provisórias, diferentemente da Igreja, que pregava verdades absolutas definitivas. A confusão armada durante a trama dos fatos centra-se justamente nisso: na impossibilidade de a Igreja aceitar que aquilo em que se depositava a fé é suscetível a dúvidas.

A Inquisição condenava os hereges que blasfemavam e se mantinham contrários aos dogmas da Igreja por volta de 1560 a 1600. Tratava-se de um sistema jurídico da Igreja romana que se preocupava com aqueles que se revoltavam e desvendavam os olhos dos outros.

O alarde promovido na peça por Galileu mostra que o simples pensar e desenvolver de um novo conceito na Antiguidade poderia ferir a moral cristã. Assim,

muitos eram condenados à morte. Em um trecho vemos o personagem Sagredo alertando Galileu sobre suas descobertas, “Mas você tem um pouco de juízo? Não percebe a situação em que fica se for verdade o que está vendo? Se você andar por aí gritando pelas feiras que a Terra é uma estrela e que não é o centro do universo?” (BRECHT, 1991, p. 79).

O rompimento com o pensamento aristotélico era uma barreira visível. Galileu enxergava como mais um impasse possível de ser superado. Em relação ao peso científico das crenças postas à tona e discutidas, seria um ponto que rende diálogos magníficos e o que guia a história didática e a finalidade do personagem principal.

Porém o que chama bastante atenção, e o que não é novidade num texto de Brecht, é o diálogo sociopolítico abordado numa perspectiva didática, em que a jovem criança com quem Galileu conversa muito, Andrea, é apresentada. O autor sempre aborda questões sociais na grande maioria de seus textos, assim como com o garoto pobre que mora com o estudioso, pois sua mãe vive a servir ao matemático, físico e astrônomo Galileu; é a governanta da casa.

Algumas partes do diálogo surpreendem pelo nível científico envolvido na dialética dos personagens, principalmente com o pequeno Andrea.

Galileu – Bom, isto é a Terra, e você está aqui. – Tira uma lasca de um toro de lenha e finca na maçã – E agora a Terra gira.
Andrea – E agora eu estou de cabeça para baixo.
Galileu – Por quê? Olhe com atenção. A cabeça, onde está? Andrea – Aqui, embaixo.
Galileu – O quê? Gira em sentido contrário, até a primeira posição. A cabeça não está no mesmo lugar? Os pés não estão mais no chão? Quando eu viro, você acaso fica assim? Tira e inverte a lasca.
Andrea – Não. E por que é que eu não percebo que virou?
Galileu – Porque você vai junto. Você e o ar que está em cima de você e tudo o que está sobre a esfera
(BRECHT, 1991, p. 62).

Em seu texto, Brecht mistura interatividade com arte e ciência, mediante explicações simples que poupam a falação às vezes difícil e complicada do teatro. Leva um espectador inculto a um espaço de dúvidas e descobrimentos, o que torna o texto fascinante. São diálogos que possuem um potencial imensurável em sua didática, discutindo ciência com base em fatos e pensamentos demonstrados com o corpo, a cadeira e uma maçã, por exemplo. O que se pode ver no início é basicamente uma aula

do professor Galileu para o pequeno Andrea, que se envolve nesse embate e começa a duvidar da intelectualidade de alguns adultos.

As influências histórico-sociais da obra

É importante ressaltar a teoria em que o sistema ptolomaico é mostrado ao definir que a Terra é o centro do universo com todos os planetas e o Sol gira ao seu redor. Galileu discorda desse pensamento, que é o que a Igreja conserva como ideário. Ainda resalta a dificuldade para “calcular com precisão a posição futura das estrelas”, e que o telescópio, que era a invenção moderna da virada do século XVI para o XVII, possibilitou a observação com maior qualidade dos astros. Surgem daí questionamentos sobre o movimento dos astros.

O texto de Brecht descreve com humor suave e inteligente essa relação dos astros, vista como uma possibilidade de melhor observação astrofísica, um avanço no campo da pesquisa científica que projetava inovações para o século XVII.

Brecht viveu numa Alemanha em que Adolf Hitler havia tomado o poder em 1932. Em 1937 o autor publicou a peça, e nela retratava uma sociedade a viver na miséria. Apesar de os fatos remeterem ao século XVI, ele provoca o choque com o mundo dos explorados. “[...] Seus camponeses pagam a guerra que o Vigário do suave Filho de Deus provoca na Espanha e na Alemanha [...]” (1991, p. 120).

Através do olhar histórico da linguagem cênica desenvolvida por Brecht, conhecida como teatro épico, sob uma ótica marxista abordam-se os conflitos sociais, suscitando no espectador uma atitude crítica. *A vida de Galileu* em seu aspecto principal aproxima o personagem de sua realidade histórica e retrata uma realidade onde o personagem Galileu com humor descreve o destino de uma sociedade derrotada pelo desemprego e pela pobreza.

Galileu – Eu poderia escrever na língua do povo, para muitos, em vez de escrever em latim, para poucos. Para as novas ideias nós precisamos de gente que trabalhe com as mãos. Quem, senão eles, quer saber a causa das coisas? Os que só veem o pão na mesa não querem saber como ele foi assado; essa canalha gosta mais de agradecer a Deus que ao padeiro. Já os que fazem o pão compreenderão que nada se move que não seja movido (1991, p. 135).

O problema social abordado revela-se parcialmente como provocado pelo clero, que domina o conhecimento científico. Cientistas nessa época eram atirados na fogueira, por admitirem que as leis físicas eram outras. Giordano Bruno, por exemplo, teve um fim trágico. Ele sugeriu abandonar as Sagradas Escrituras e reescrever Deus levando em conta a existência de outros mundos e outras formas de vida pensantes. Para a Igreja esse era um ato de blasfêmia do mais alto grau na escala de heresia.

“INQUISIDOR – Esses homens duvidam de tudo. Será na dúvida, e não mais na fé, que iremos fundar a sociedade humana?” (1991, p. 147). A questão aqui está ligada à veracidade de um conceito contra argumentos baseados num estudo ultrapassado. O que o autor caracteriza entre passado, presente e futuro percorre uma linha tênue, entre aceitação e abnegação.

É quando uma coisa nos parece provável, sem que tenhamos os fatos. Veja a Felícia, lá embaixo, na frente do cesteiro, com a criança no peito. É uma hipótese que ela dê leite à criança e que não seja o contrário; é uma hipótese enquanto eu não puder ir lá, ver de perto e demonstrar. Diante das estrelas, nós somos como vermes de olhos turvos, que veem muito pouco. As velhas doutrinas, aceitas durante mil anos, estão condenadas; há mais madeira na escora do que no prédio enorme que ela sustenta. Muitas leis que explicam pouco; já a hipótese nova tem poucas leis que explicam muito (1991, p. 69).

Considerações Finais

Como propósito da discussão teve-se a abordagem de alguns personagens que se destacaram em seu diálogo sobre o tema central da obra; um foi primordial para o desenrolar da trama, Andrea, o garoto que se encantou pela ciência e esteve presente nos momentos mais marcantes do texto. É o personagem que caracteriza a postura de um estudioso que reflete criticamente a realidade posta e se vê como um agente da mudança.

A crítica de Brecht ao posicionamento da Igreja em relação a inovações no campo científico pode ser respaldada nos dias atuais, em que o conhecimento não é prioridade para os que detêm o poder. Cabe-nos levantar questionamentos acerca dessa realidade histórica.

Referências Bibliográficas

BRECHT, Bertolt. **Teatro completo. Bertolt Brecht.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

PASTA, José Antonio. **Trabalho de Brecht:** breve estudo de uma classicidade contemporânea. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2010.